

Esta história é trazida a você por [Ririro.com/pt](http://Ririro.com/pt) gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



# Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

## Minnie e os Anões

Era uma vez uma mãe que tinha duas filhinhas; e, como seu marido havia morrido e ela era muito pobre, trabalhava diligentemente o tempo todo para que elas pudessem estar bem alimentadas e vestidas. Ela era muito habilidosa e encontrava trabalho fora de casa, mas suas duas filhinhas eram tão boas e prestativas que mantinham a casa tão limpa e brilhante como um novo alfinete.

Uma das meninas era coxa e não podia andar pela casa; então ela ficava sentada em sua cadeira, costurando, enquanto Minnie, a irmã, lavava os pratos, varria o chão e deixava o lar lindo.

A casa delas ficava à beira de uma grande floresta; e, depois de terminarem suas tarefas, as meninas sentavam-se na janela e observavam as altas árvores que se curvavam ao vento, até que parecia que as árvores eram pessoas de verdade, cumprimentando-se, curvando-se e reverenciando umas às outras.

Na primavera, havia os pássaros, no verão, as flores silvestres, no outono, as folhas brilhantes, e no inverno, os grandes montes de neve branca; de modo que o ano inteiro era um ciclo de encantos para as duas crianças felizes. Mas um dia a querida mãe chegou em casa doente; e então elas ficaram muito tristes. Era inverno, e havia muitas coisas para comprar. Minnie e sua irmãzinha

sentaram-se junto à lareira e conversaram sobre o que fazer, até que, finalmente, Minnie disse:

“Querida irmã, preciso sair para procurar trabalho, antes que a comida acabe.” Então ela beijou a mãe e, embrulhando-se bem, saiu de casa. Havia um caminho estreito que passava pela floresta, e ela decidiu segui-lo até encontrar algum lugar onde pudesse conseguir o trabalho que queria.

À medida que apressava o passo, as sombras foram se tornando mais densas. A noite já estava caindo rapidamente quando ela viu uma casa muito pequena adiante, uma visão bem-vinda. Ela se apressou para alcançá-la e bateu na porta.

Ninguém veio atender ao seu chamado. Depois de tentar várias vezes, ela pensou que ninguém morava lá; então abriu a porta e entrou, pensando que passaria a noite ali.

Assim que entrou na casa, deu um salto de surpresa; pois bem à sua frente havia doze caminhas desarrumadas, doze pratinhos sujos sobre uma mesa toda empoeirada, e o chão do quarto estava tão imundo que, com certeza, seria fácil desenhar um quadro nele. “Mas que coisa!” disse a menina, “isso não pode ficar assim!” E, assim que aqueceu as mãos, começou a arrumar o lugar.

Ela lavou os pratos, arrumou as camas, varreu o chão, ajeitou o grande tapete em frente à lareira e colocou as doze cadeirinhas em semicírculo ao redor do fogo; e, justo quando terminou, a porta se abriu e entraram os doze homenzinhos mais estranhos que ela já havia visto. Eram todos mais ou menos do tamanho de uma régua de

carpinteiro, e usavam roupas amarelas; quando Minnie viu isso, soube logo que deviam ser os anões que guardavam o ouro no coração da montanha.

“Bem!” disseram os anões juntos, pois sempre falavam juntos e em rima,

“Mas que doce surpresa!

Nossos olhos não acreditam o que veem!”

Então avistaram Minnie, e exclamaram surpresos:

“Quem será esta menina gentil?

Nossa ajudante é uma criança estranha!”

Ao ver os anões, Minnie aproximou-se para cumprimentá-los. “Com licença,” disse ela, “eu sou Minnie Grey; estou à procura de trabalho porque minha querida mãe está doente. Entrei aqui quando a noite começou a cair e—” foi aí que todos os anões riram e exclamaram alegremente:

“Achou nossa casa muito bagunçada,

Mas agora está limpa e arrumada.”

Eles eram tão queridos e engraçados! Depois de agradecerem a Minnie por sua ajuda, pegaram pão branco e mel do armário e pediram que ela jantasse com eles.

Enquanto jantavam, explicaram que sua governanta, uma fada, estava de férias, e a casa não estava sendo bem cuidada porque ela não estava por perto.

Eles suspiraram quando disseram isso; e depois do jantar, quando Minnie lavou os pratos e os guardou com cuidado,



os anões a observavam frequentemente e murmuravam entre si. Quando o último prato foi colocado em seu devido lugar, chamaram Minnie e disseram:

“Querida donzela humana, não quer ficar,  
Até a nossa fada voltar?

E se você for fiel, e boa também,  
Recompensaremos você como convém.”

Minnie ficou muito contente, pois gostava dos bons anões e queria ajudá-los, então agradeceu e foi dormir para ter sonhos felizes.

Na manhã seguinte, ela acordou com as galinhas e preparou um bom café da manhã; e, depois que os anões saíram para o trabalho, ela arrumou a casa e consertou as roupas dos anões. À noite, quando os anões voltaram, encontraram um fogo aconchegante e um jantar quentinho os esperando; e todos os dias Minnie trabalhou fielmente até o último dia das férias da governanta fada.

Naquela manhã, ao olhar pela janela para observar os anões indo trabalhar, Minnie viu em um dos vidros a imagem mais bonita que já vira.

Era uma imagem de palácios encantados com torres de prata e pináculos gelados, tão maravilhosos e belos que, enquanto os observava, ela esqueceu que havia trabalho a ser feito, até que o relógio cuco na prateleira bateu meio-dia.

Então, apressada, Minnie foi acabar de arrumar as camas e lavar os pratos; mas porque estava com pressa, não conseguia trabalhar rápido, e quando pegou a vassoura para varrer o chão, já era quase hora dos anões chegarem em casa.

“Acho,” disse Minnie em voz alta, “que hoje não preciso varrer debaixo do tapete. Afinal de contas, não há problema com pó onde ninguém pode ver!” E, assim, apressou-se a preparar o jantar e deixou o tapete intocado.

Logo os anões voltaram para casa. Como os cômodos pareciam do mesmo jeito, ninguém disse nada; e Minnie não pensou mais no pó até ir para a cama e as estrelas espiaram pela janela.



Então ela pensou no assunto, porque parecia que conseguia ouvir as estrelas dizendo:

“Aquela é a menininha tão fiel e boa”; e Minnie virou o rosto para a parede, pois uma pequena voz, bem dentro de seu coração, dizia:

“Pó debaixo do tapete! Pó debaixo do tapete!”

“Ali está a menininha,” gritavam as estrelas, “que mantém a casa brilhante como a luz das estrelas.”

“Pó debaixo do tapete! Pó debaixo do tapete!” dizia a pequena voz no coração de Minnie.

“Nós a vemos! Nós a vemos!” chamavam alegres as estrelas.

“Pó debaixo do tapete! Pó debaixo do tapete!” dizia a pequena voz no coração de Minnie, e ela não aguentava mais. Saltou da cama e, pegando a vassoura, varreu o pó dali; e eis que, debaixo do pó, havia doze reluzentes moedas de ouro, tão redondas e brilhantes como a lua.

“Oh! oh! oh!” exclamou Minnie, surpresa; e todos os pequenos anões correram para ver o que havia acontecido.

Minnie contou-lhes tudo; e quando terminou sua história, os anões se reuniram amorosamente ao seu redor e disseram:

“Querida menina, o ouro é todo seu,  
Pois fiel e verdadeira você se mostrou;  
Mas se o tapete tivesse ficado intocado,  
Um vintém seria tudo o que teria ganhado.  
Nosso carinho vai com o ouro que lhe damos,  
E, oh! nunca esqueça, enquanto viver,  
Que no menor dos deveres feitos com zelo  
Está a riqueza e a alegria de todo ser.”

Minnie agradeceu aos anões por sua bondade; e na manhã seguinte, bem cedo, correu para casa com seu tesouro dourado, que comprou muitas coisas boas para a querida mãe e sua irmãzinha.

Ela nunca mais viu os anões; mas nunca esqueceu a lição que eles deram, de fazer seu trabalho fielmente; e ela varria sempre debaixo do tapete.